

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

MÍDIA E PERCEÇÃO AMBIENTAL: ESTUDO COM ESTUDANTES DO
ENSINO FUNDAMENTAL DE CURITIBA

CURITIBA

2011

ELLEN NEMITZ

**MÍDIA E PERCEPÇÃO AMBIENTAL: ESTUDO COM ESTUDANTES DO
ENSINO FUNDAMENTAL DE CURITIBA**

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado à disciplina de TCC II,
do Curso de Comunicação Social –
Jornalismo, da Universidade Federal
do Paraná.

Orientador. Prof^o Dr. Toni André
Sharlau Vieira.

CURITIBA

2011



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
Tel.: (41) 3313-2005 Fax: (41) 3313-2004 e-mail: decom@ufpr.br

**AVALIAÇÃO DA APRESENTAÇÃO ORAL
DO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

NOME DA ALUNA: ELLEN NEMITZ

TÍTULO: “ MÍDIA E PERCEPÇÃO AMBIENTAL.”

LOCAL DE DATA DA APRESENTAÇÃO ORAL: Sede do Departamento de Comunicação Social da UFPR, realizado na Sala 13 do DECOM, no dia 15/12/2011, às 13h30.

BANCA EXAMINADORA	NOTA
TONI ANDRÉ SCHARLAU VIEIRA (Orientador)	9,0
MÁRIO MESSAGI JUNIOR	9,0
MONICA PINTO (Convidada)	9,0
MÉDIA FINAL:	9,0

BANCA EXAMINADORA	ASSINATURA
TONI ANDRÉ SCHARLAU VIEIRA (Orientador)	
MÁRIO MESSAGI JUNIOR	
MONICA PINTO (Convidada)	

Curitiba, 15 de dezembro de 2011.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	1
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	8
2.1 Contexto.....	8
2.2 Meio ambiente.....	12
2.2.1 Presença Humana.....	13
2.2.2 Degradação Ambiental.....	15
2.2.3 Matriz Energética.....	19
2.2.4 Desmatamento.....	21
2.3 Percepção ambiental.....	22
2.3.1 Sensibilização ambiental.....	24
2.4 Jornalismo ambiental.....	26
2.4.1 Programação com conteúdos de jornalismo ambiental na televisão.....	27
2.5 Os estudos de recepção.....	28
2.5.1 Mediações.....	31
3 AVALIAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS.....	33
3.1 Colégio Decisivo e Nossa Senhora Sion.....	34
3.2 Escola Estadual Manoel Ribas.....	35
3.3 Análise das questões.....	37
3.4 Análise dos resultados.....	47
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
5 REFERÊNCIAS.....	54
6 ANEXO I.....	58

1 INTRODUÇÃO

O desenvolvimento, alavancado a partir do século XVIII pela Revolução Industrial, tornou competitiva a relação entre o ser humano e o meio ambiente. Para desenvolver a economia, o homem acelerou o desmatamento, passou a emitir uma série de gases de efeito estufa na atmosfera – dentre eles dióxido de carbono (CO₂), metano (CH₄) e monóxido de carbono (CO) –, iniciou um descarte de resíduos sólidos e líquidos sem precedentes na história, passou a utilizar insumos tóxicos na agricultura, entre outras ações depredatórias.

Além do aumento do número de indústrias e do desmate, os hábitos da população comum também mudaram ao longo dos anos e tornaram-se menos sustentáveis. Segundo dados da Divisão para o Desenvolvimento Sustentável da ONU (Organização das Nações Unidas)¹, do total de emissões de gases poluentes advindas do transporte, 68% são provenientes de automóveis domésticos. Além disso, segundo o órgão internacional, a poluição gerada indiretamente pelas pessoas, oriunda, principalmente, da fabricação e transporte de produtos como alimentos, papel, etc., é ainda mais impactante que aquela gerada diretamente pelos hábitos diários.

Todas as atitudes em nome do desenvolvimento econômico baseado no modelo capitalista e o modo de vida das classes A e B – consumismo exacerbado, conseqüente geração de lixo, emissão de gases poluentes, uso intensivo de matérias-primas de origem natural, etc. – causaram um desequilíbrio ambiental e ecológico que ameaça a própria sobrevivência humana. A contribuição do consumo doméstico na poluição ambiental já foi contemplada pelas Nações Unidas em um

¹ http://www.un.org/esa/sustdev/publications/household_consumption.pdf, acessado em 05/09/2011.

documento sobre as mudanças necessárias para diminuir o impacto das ações humanas no meio ambiente.

Como a maior parte do consumo e das emissões de CO₂ estão relacionadas, direta ou indiretamente, com o consumo doméstico, mudanças nos padrões deste consumo e nos padrões de produção que os servem são necessários para diminuir as alterações climáticas. Precisarão ser incluídas mudanças no comportamento de consumo, na construção e manutenção das residências, nos projetos dos móveis e eletrodomésticos, no volume e tipo dos produtos e serviços consumidos, no uso e projeto dos veículos, na infra-estrutura e sistema de transporte público, no planejamento urbano, na reciclagem e tratamento do lixo, na geração de eletricidade, entre outros fatores. (www.un.org, acessado em 24/10/11)

Foi exatamente para tentar modificar algumas atitudes da sociedade civil e das empresas e governos – preocupados apenas com o desenvolvimento econômico e não com a preservação do meio ambiente —, que surgiram os primeiros movimentos ambientalistas, no final dos anos 1960 (CASTELLS, 1999). Estes movimentos, que se multiplicaram com o passar do tempo, objetivavam a sustentabilidade socioambiental, a preservação da biodiversidade, o fim do despejo inadequado de lixo, etc. Castells (1999), em sua discussão sobre o “verdejar do ser”, expressão que ele usa para designar um momento histórico em que a sociedade passa a se preocupar com a crise ambiental, e em especial com a degradação da natureza — propõe uma análise sobre os motivos que levaram ao crescimento do movimento ambientalista:

Por que as ideias ecológicas repentinamente se alastraram como fogo nas pradarias ressequidas da insensatez do planeta? Proponho a hipótese de que existe uma relação direta entre os temas abordados pelo movimento ambientalista e as principais dimensões da nova estrutura social, a sociedade em rede, que passou a se formar dos anos 70 em diante: ciência e tecnologia como os principais meios e fins da economia e da sociedade; a transformação do espaço; a transformação do tempo; e a dominação da identidade cultural por fluxos globais abstratos de riqueza, poder e informações construindo virtualidades reais pelas redes da mídia. (CASTELLS, 1999)

Foi neste cenário global que movimentos ambientalistas de grande visibilidade, tais como o *Greenpeace*, iniciaram a promoção de ações que chamam a atenção da mídia. Como destaca Castells (1999), “muitos ativistas ambientais fizeram uso bastante criativo da tradicional tática anarquista francesa da *l’action exemplaire*, um ato espetacular que arrebatava as mentes das pessoas, provoca discussões e fomenta a mobilização” (CASTELLS, 1999).

Além dos ativistas ambientais organizados em associações e ONGs, as grandes conferências internacionais sobre o meio ambiente também são alvo da cobertura midiática. Em 1972, quando se realizou a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, na cidade de Estocolmo (Suécia), toda a imprensa mundial se voltou ao tema. Duas décadas mais tarde, a Rio – 92 também atraiu olhares atentos às discussões sobre o futuro do planeta.

Além destes exemplos, inúmeros outros poderiam ser citados, tais como a Rio+10, realizada em Johannesburgo, na África do Sul e a Conferência sobre Mudanças Climáticas (COP-15, na sigla em inglês), realizada em Copenhague (Dinamarca) em 2009, que levaram ao público em geral uma cobertura inédita sobre eventos climáticos extremos – como furacões e enchentes – entre outros. Segundo Luckman (2006), “assim como aconteceu com as grandes conferências, a divulgação de estudos científicos a respeito da situação do planeta costuma ser intensamente explorada pela imprensa”. (LÜCKMAN, 2006, p. 56).

Um exemplo de como a imprensa brasileira trata o tema é a Revista Ciência Hoje, publicada mensalmente pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). A publicação, disponível em versão impressa e digital, dedica parte de sua

produção aos temas voltados ao meio ambiente. Há ainda editoriais de meio ambiente inseridas em veículos de grande porte, como o jornal Folha de São Paulo e Estado de São Paulo. Na televisão, merece destaque o Globo Ecologia, programa voltado exclusivamente ao tema a que remete o nome.

Esta extensa cobertura sobre o meio ambiente fez com que a população fosse informada, principalmente a partir de meados dos anos 1990, sobre as consequências da degradação ambiental e a importância de adotar hábitos cotidianos em prol da preservação do meio ambiente.

Um dos programas de maior audiência da televisão brasileira, a revista eletrônica *Fantástico*, da rede Globo, veiculou, em 2007, uma série de reportagens de cunho didático sobre o futuro do planeta, com o objetivo de ensinar aos telespectadores como eles deveriam agir para evitar que as previsões sobre o agravamento de grandes problemas ambientais se confirmem. Uma destas reportagens foi ao ar em janeiro de 2007 e ainda pode ser acessada no site do programa. Intitulada '*O que você pode fazer para ajudar a salvar o planeta Terra*'², a matéria seguia a rotina da família fictícia Carbono e ensinava didaticamente o que os telespectadores deveriam mudar em seus hábitos cotidianos para minimizar os impactos no meio ambiente. O texto apresenta linguagem simples e um tom sensacionalista:

As mudanças climáticas no planeta Terra já começaram. E do jeito que vão, um jovem de hoje vai conviver com as consequências mais dramáticas do efeito estufa antes mesmo de ficar velho.

Mas é justamente a geração atual, adultos e jovens de hoje, que tem nas mãos o poder de reverter o cenário que se anuncia.

² <http://fantastico.globo.com/Jornalismo/FANT/0,,MUL696438-15605,00.html>, acessado em 25/04/2009

Como? É simples: reduzindo as emissões dos gases que provocam o aquecimento global, em especial de gás carbônico. Isso depende basicamente de tecnologia e de novas políticas governamentais. Mas não só. Cada um de nós também pode – aliás, deve – fazer algo. Mas o quê?

Para entender, conheça a família Carbono. Eles estão aqui porque - como todos nós - também são responsáveis pelo caos no clima. Metade do CO₂ produzido pelo ser humano é resultado de atividades domésticas. O senhor e a senhora Carbono, mais suas filhas, formam uma família típica do mundo ocidental, só que de mentirinha. Eles não são maus, mas, como a maioria dos ocidentais, têm um estilo de vida com muitos desperdícios.

(...)

Ao todo, a família Carbono é responsável pela emissão de 45 toneladas de gás carbônico por ano. Mas não olhe torto para eles. A família Carbono, como a sua, não é do mal. Eles simplesmente não sabem o que fazem. Se soubessem, mudariam alguns detalhes do dia-a-dia. Em prol do futuro, deles mesmos e do planeta. Voltamos à pergunta inicial: como? (<http://fantastico.globo.com>, acessado em 25/04/2009)

Mas, será que todo este conteúdo educativo chega, com potencial, até as pessoas em condições de modificar os hábitos ambientalmente incorretos? Para tentar responder a esta questão, esta pesquisa procurou entender se os meios de comunicação, em especial a televisão, sensibilizam adolescentes para a adoção de hábitos ambientalmente corretos. As teorias da comunicação nos mostram que o receptor de material midiático não é um ser passivo, como queria crer a Teoria da Agulha Hipodérmica³. Ele estabelece relações sociais e filtra os conteúdos que lhe são disponibilizados. Também a interpretação que o receptor faz a partir do que

³ Esta teoria foi pensada em 1927 por Harold D. Lasswell (1902 – 1978). Parte da corrente teórica conhecida como Mass Communication Research, a Teoria da Agulha Hipodérmica acreditava que o público consumidor de notícias era homogêneo, amorfo. Assim, os efeitos dos meios de comunicação de massa seriam ilimitados, tendo eles o poder de manipular as massas conforme quisessem. Esta teoria não levava em consideração que as pessoas, ao se depararem com algumas informações veiculada na mídia, filtram o conteúdo de acordo com conhecimentos prévios e o contexto em que estão inseridas.

assiste ou lê varia de acordo com seu conhecimento de mundo⁴ ou de seu ambiente cultural⁵.

Assim, a forma como um determinado grupo assimila as informações sobre a crise socioambiental é diferente e depende do contexto socioeconômico e cultural em que cada um está inserido. Para saber se os meios de comunicação conseguem atingir o objetivo de sensibilização ambiental, é preciso investigar as mediações a que determinado público está sujeito e se a mídia de fato induz o público a adotar hábitos em prol da preservação ambiental.

Este trabalho investiga esta questão: em que medida determinados públicos, como o dos adolescentes, por exemplo, têm mudado alguns hábitos cotidianos, abandonando alguns comportamentos ou adquirindo outros, com relação à preservação do meio ambiente a partir de conteúdos veiculados pela mídia?

Para responder a esta pergunta de caráter genérico, realizou-se um estudo quantitativo específico, de caráter exploratório, com adolescentes de 12 a 15 anos, estudantes de duas escolas particulares e uma escola estadual de Curitiba. A pesquisa buscava identificar quais as fontes de informação midiáticas das crianças e adolescentes sobre a questão ambiental, se os hábitos do público pesquisado com relação a atitudes ambientalmente corretas/incorretas em seu cotidiano advêm de uma possível sensibilização provocada por conteúdos veiculados pela televisão e

⁴ MATTELART, Armand e Michèle. Histórias das teorias da comunicação. São Paulo, Ed. Loyola, 1999.

⁵ Jesús Martín-Barbero defende que deve-se abandonar o *mediacentrismo*, que seria o estudo voltado especificamente para as mídias, e focar-se nas mediações que envolvem o consumo dos meios de comunicação. Barbero elenca três "lugares de mediação: a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural" (BARBERO, 1987)

analisar o papel que a mídia televisiva exerce na sensibilização da faixa etária pesquisada acerca das questões ambientais.

A escolha desta faixa etária deve-se ao fato de não existir na televisão aberta um programa ambiental especialmente voltado para o público infanto-juvenil. Por meio de um levantamento da grade televisiva em rede aberta, constatou-se que os programas voltados direta ou indiretamente ao meio ambiente são: *Globo Ecologia* e *Globo Ciência* (ambos da TV Globo); e *Repórter Eco*, da TV Cultura. É bom lembrar que estes programas são normalmente veiculados em faixas de horário extremas: ou muito cedo pela manhã ou muito tarde à noite, fugindo das chamadas faixas nobres de audiência, mesmo levando-se em conta a segmentação de públicos.

Alguns outros programas também tratam da temática, porém esporadicamente, como o *Globo Repórter* (TV Globo), este sim no chamado horário nobre para um público adulto.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Contexto

Como já mencionado, desde meados do século XX, a sociedade passou a perceber a existência de uma crise socioambiental de dimensões planetárias. A biodiversidade do planeta está diminuindo e a temperatura média, aumentando. Segundo os relatórios do Painel Intergovernamental para Mudanças Climáticas (IPCC, na sigla em inglês), o aumento no nível dos mares, causado pelo aquecimento global, poderá afetar a população das cidades costeiras até o fim do século XXI. Há pesquisadores que negam a ocorrência do aquecimento global –

como, por exemplo, o representante dos países da América do Sul na Comissão de Climatologia da Organização Meteorológica Mundial (OMM), Luiz Carlos Molion⁶ – mas os sinais são claros: algo está errado com a natureza.

Para entender a gravidade da crise ambiental, é importante saber que a biosfera é o conjunto de todas as formas de vida que existem sobre o planeta Terra, constituindo o que se chama de biodiversidade. A biosfera é composta por diversos ecossistemas, conjunto de elementos vivos que vivem em equilíbrio. A interferência humana na natureza pode causar prejuízos a este equilíbrio ambiental, ao provocar a poluição do ar, rios e mares; o desmatamento das florestas; o mau uso e consequente degradação dos solos; o uso intensivo de agrotóxicos; a caça e pesca indiscriminadas; a superprodução e despejo inadequado de lixo orgânico e reciclável, etc.

Segundo dados da organização ambientalista WWF Brasil, se todo o mundo adotasse o padrão de vida das classes A e B brasileiras, precisaríamos de três planetas como o nosso para repor os recursos naturais. A ONG realizou uma pesquisa em parceria com o Ibope⁷, na qual identificou os hábitos que os brasileiros adotam no dia-a-dia e qual o impacto deles sobre o meio ambiente. O estudo, intitulado “Pegada Ecológica”, abrange um universo de 2000 pessoas com pelo menos 16 anos de idade e diferentes níveis de escolaridade e classes socioeconômicas.

Os hábitos da população foram aferidos com perguntas fechadas que buscavam identificar o que o consumidor leva em consideração na hora de fazer

⁶ uol.com.br/ultnot/cienciaesaude/ultnot/2009/12/11/nao-existe-aquecimento-global-diz-representante-da-omm-na-america-do-sul.jhtm

⁷ http://assets.wwfbr.panda.org/downloads/fase_ibope_bus_wwf___relatorio_de_tabelas.pdf

compras no supermercado (apenas o preço, se o produto ou empresa são comprometidos com o meio ambiente); qual o destino do lixo produzido nas residências; quais eletrodomésticos a pessoa possui; como faz uso de energia elétrica; quanto tempo cada um utiliza no banho; qual o consumo de carne vermelha e outros produtos de origem animal; qual meio de transporte é mais utilizado; etc.

Como resultado, o Ibope classificou os entrevistados em três categorias: “Vale a pena reavaliar algumas opções” (51% do total), “Neste ritmo o planeta não vai aguentar” (49% do total) e “É urgente reavaliar o jeito de viver” (0%). As classes A e B são as que fazem pior uso dos recursos naturais e mais contribuem para a destruição do meio ambiente: 88% das famílias com renda mensal superior a 10 salários mínimos e 79% daquelas com renda entre 5 e 10 salários estão enquadradas na segunda categoria (“neste ritmo planeta não vai agüentar”).

Todos os problemas socioambientais já mencionados que acometem o planeta atualmente não são simples de serem solucionados. Seria necessária uma mobilização de governos, empresas e sociedade civil organizada para reduzir o impacto das atividades econômicas sobre o meio ambiente. Além disso, cada cidadão deve fazer sua parte: diminuir o consumo de água e energia; reduzir, reciclar e reutilizar o lixo; usar menos o carro e mais transporte coletivo ou bicicletas; comprar apenas madeira certificada, entre outras ações ecologicamente corretas. Muitas destas atitudes representam o abandono de hábitos arraigados, especialmente aqueles ligados ao conforto e facilidades do cotidiano, que as pessoas adquiriram desde criança.

Alguns autores entendem que a sensibilização da população acerca de seu papel individual como cidadãos com relação ao meio ambiente é uma ação de muito

pouca utilidade com relação à gravidade da questão. Segundo estes autores, isto eximiria quem realmente é responsável pela degradação ambiental, em especial empresas comerciais e grupos industriais, bem como governos coniventes ou pouco atuantes, e culparia exclusivamente o consumidor-cidadão. Outros autores, ao refletir sobre o problema, defendem a educação e sensibilização socioambiental da população como uma das melhores formas de tentar encaminhar soluções sobre a questão.

Entre estes diferentes pontos de vista, este estudo considera que estas duas vertentes (empresa e consumidor), mediadas pelas instituições, não podem ser tratadas de forma separada. Uma solução consistente para o problema ambiental depende de uma união de esforços dos mais diversos segmentos e atores sociais. Neste sentido, o trabalho realizado pelos educadores ambientais seria de extrema importância, pois estes profissionais são responsáveis por “convencer” os cidadãos a fazer, cada um, uma pequena parte nesta mobilização coletiva.

Mas, em um processo de sensibilização socioambiental de grande porte, a mídia exerce um papel educativo importante. Alguns autores, como Wilson da Costa Bueno, no Brasil, e Michael Fromme, nos Estados Unidos, consideram que os meios de comunicação são instrumento de educação não-formal, atribuindo à mídia um papel pedagógico e sensibilizador. É por meio de emissoras de rádio e TV, jornais, revistas e pela internet que as pessoas têm contato mais direto e atualizado com a questão ambiental em suas interfaces com todas as demais questões contemporâneas.

Entretanto, a maior parte das notícias veiculadas pela mídia jornalística é relacionada aos desastres ambientais, como enchentes, ciclones ou derramamentos de óleo no oceano. De acordo com Souza (2008):

As notícias sobre meio ambiente obedecem aos critérios de noticiabilidade. Ações de grupos ambientalistas e figuras importantes atraem a atenção da mídia. E as notícias geralmente são sobre desastres ambientais, e não dizem respeito a assuntos como mudanças climáticas, por serem difíceis de tratar. (SOUZA, 2008)

Além disso, a consciência crítica que estas ações provocam são imediatas e inerentes à ação dos grupos ambientalistas, mas logo perdem espaço nos meios de comunicação (NOSTY, 2008). Esta é uma das características da mídia jornalística, que trata dos assuntos por um determinado tempo e depois deixa de noticiá-los.

Na última década, porém, além do noticiário sobre catástrofes ambientais, outras matérias ganharam espaço, em especial na mídia televisiva. De cunho educativo e pedagógico, as informações que começaram a ser veiculadas pelas grandes emissoras de televisão explicam ao telespectador qual a responsabilidade de cada um dos cidadãos sobre o que está acontecendo com o planeta Terra. Dizem também quais hábitos devem ser adotados no dia-a-dia para proteger o meio ambiente, e, por extensão, o próprio ser humano.

Em um país como o Brasil, onde a televisão faz parte do cotidiano das crianças e adolescentes de quase todas as classes sociais, estes programas e reportagens educativas ganham importância. Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) de 2007⁸, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mais de 94% dos brasileiros têm aparelhos de

⁸ Disponível em http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1230&id_pagina=1. Acessado em 17/06/09.

televisão em casa. O número é maior que o de pessoas que possuem geladeira (91%). O único eletrodoméstico mais presente nos lares brasileiros é o fogão (98%).

Estes dados comprovam a importância de se discutir como a TV pretende ajudar a promover uma sensibilização ambiental com as crianças. Segundo Ferreira (2009), “a compreensão que os estudantes possuem da problemática ambiental e, particularmente, do aquecimento global, está diretamente relacionada ao tratamento que a mídia oferece a esses temas” (FERREIRA, 2009).

Bueno (2008) destaca ainda que o jornalismo tem inúmeras funções, dentre as quais se destacam três: informativa, pedagógica e política.

A função pedagógica diz respeito à explicitação das causas e soluções para os problemas ambientais e à indicação de caminhos (que incluem necessariamente a participação dos cidadãos) para a superação dos problemas ambientais. [grifo do autor] (BUENO, 2008)

Saber se a mídia, e não apenas a jornalística, de fato exerce tal papel pedagógico é importante para a continuidade do trabalho de educação ambiental.

2.2 Meio Ambiente

O planeta Terra é composto pela atmosfera, hidrosfera e litosfera. Inserida nestes ambientes (ar, água e terra, respectivamente) está a biosfera, conjunto de espécies vivas existentes no planeta. A este conjunto dá-se o nome de biodiversidade, que compreende também “os serviços ambientais responsáveis pela manutenção da vida na Terra, como a produção de água doce e de oxigênio, polinização das plantas, proteção do solo, regulação do clima, captação de carbono

atmosférico, que são benefícios insubstituíveis e de valor indireto” (BERNARDES, 2007).

Quando livre de qualquer interferência humana, os ecossistemas – conjunto de relações entre elementos bióticos – seres vivos – e abióticos, compostos por atmosfera, temperatura, incidência de luz, etc., que interagem de forma integrada e auto-suficiente em um determinado espaço – permanecem em equilíbrio. No momento em que o homem passa a interferir nos ecossistemas, alterando o fluxo natural de energia e matéria, causa desequilíbrios por vezes irreversíveis. Segundo Branco (1997, apud Bernardes, 2007), poluição é “a colocação de energia e matéria no lugar errado” (BRANCO, 1997, p.78).

Para Guattari (1991), atualmente “o planeta Terra vive um período de intensas transformações técnico-científicas, em contrapartida das quais engendram-se fenômenos de desequilíbrios ecológicos que, se não forem remediados, no limite, ameaçam a implantação da vida em sua superfície” (GUATTARI, 1991, p.7).

2.2.1 A presença humana

A interferência do homem sobre a natureza passou a ser mais significativa a partir da Revolução Industrial, iniciada no século XVIII na Inglaterra e que se alastrou pelo mundo nas décadas seguintes (o Brasil e demais países subdesenvolvidos entraram, ainda que tardiamente, na corrida industrial, agravando o problema do ponto de vista ambiental).

Antes deste período, a produção era feita em pequena escala e não era necessário o uso de máquinas, como passou a acontecer depois da revolução. Tais

equipamentos requerem energia em grande quantidade – advinda, principalmente, da queima de carvão e derivados de petróleo, principais responsáveis por emissões de dióxido de carbono e demais gases do efeito estufa. Além disso, as matérias-primas de alguns produtos industriais são de origem natural, como madeira e água. O uso intensivo dos recursos naturais gerou grande impacto ambiental.

O modo de consumo também sofreu alteração com a Revolução Industrial: é preciso consumir sempre mais, e substituir o objeto de desejo sempre que este se torna obsoleto.

Cada vez mais as pessoas procuram o que é novidade no mercado, gerando um ciclo vicioso: compra-se o que há de mais interessante, mas sempre há algo novo que se torna 'essencial' e assim sucessivamente. Um exemplo bastante claro deste ciclo são os microcomputadores e telefones celulares. Todos os anos, às vezes até com mais frequência, as grandes marcas de eletrônicos lançam novidades cada vez mais impressionantes, que levam centenas de pessoas às lojas para adquiri-las. Segundo Lima (2002, p.68), “são essas mercadorias tão desejáveis, e desejadas pelo consumidor, que vão gerar, dentro da cadeia de consumo, as futuras mercadorias indesejáveis – objetos que causam poluição ou que se tornarão lixo, resíduos a serem descartados pelo próprio consumidor” (LIMA, 2002, p.68).

Além disso, não é apenas o descarte do produto em si que gera poluição, mas todo o processo produtivo. A fabricação consome recursos como água e energia, além de matérias-primas naturais, como madeira e minérios. Durante o processo industrial, as máquinas geram gases poluentes e resíduos que, se não tratados corretamente, podem prejudicar o solo e as águas marinhas e fluviais – o descarte de esgoto não tratado e em altas temperaturas acarreta um processo

chamando eutrofização das águas, que pode, em última instância, levar a morte dos rios por escassez de oxigênio.

A produção agropecuária também consome e degrada terras, pelo uso intensivo do solo, de produtos químicos como agrotóxicos e fertilizantes e de um processo que não respeita a sazonalidade natural da produção de vegetais e animais, acelerando os ciclos de vida e maturação para satisfazer um mercado cada vez maior e mais exigente. A poluição das águas por insumos agrícolas gera um ciclo de magnificação trófica que leva altas doses de agrotóxicos aos consumidores finais dos produtos marinhos e fluviais. Desta forma, o homem, que consome a carne de animais aquáticos, fica exposto a grandes quantidades de substâncias nocivas a saúde.

2.2.2 Degradação ambiental

A lógica capitalista do crescimento econômico ilimitado causa consequências sérias ao meio ambiente. De acordo com o 2º Panorama Global da Biodiversidade⁹, a humanidade consome 20% mais recursos naturais como água, plantas e animais que a Terra é capaz de regenerar. Com isso, há o risco de chegarmos ao esgotamento de tais recursos indispensáveis para a vida.

Nas últimas décadas, o aquecimento global passou a ser motivo de preocupação maior entre ambientalistas. Ainda que não haja provas concretas, acredita-se com 90% de certeza que as causas do aumento da temperatura estejam relacionadas à ação humana. Segundo os relatórios do IPCC (Painel

⁹ Secretariat of the convention on biological diversity. Global diversity outlook 2. Montreal, 2006 apud Bernardes, 2007.

Intergovernamental para Mudanças Climáticas, na sigla em inglês), a temperatura média do planeta deverá subir entre 1,8° e 4,0° até 2100¹⁰.

Para entender melhor o aquecimento global, é preciso explicar como acontece o efeito estufa. Este é um processo natural do planeta, sem o qual a temperatura seria extremamente baixa – algo em torno de 30°C negativos durante a noite – e inviável para os seres humanos. Quando os raios ultravioleta provenientes do sol entram na Terra, a camada de gases presente na atmosfera impede que parte deste calor se dissipe.

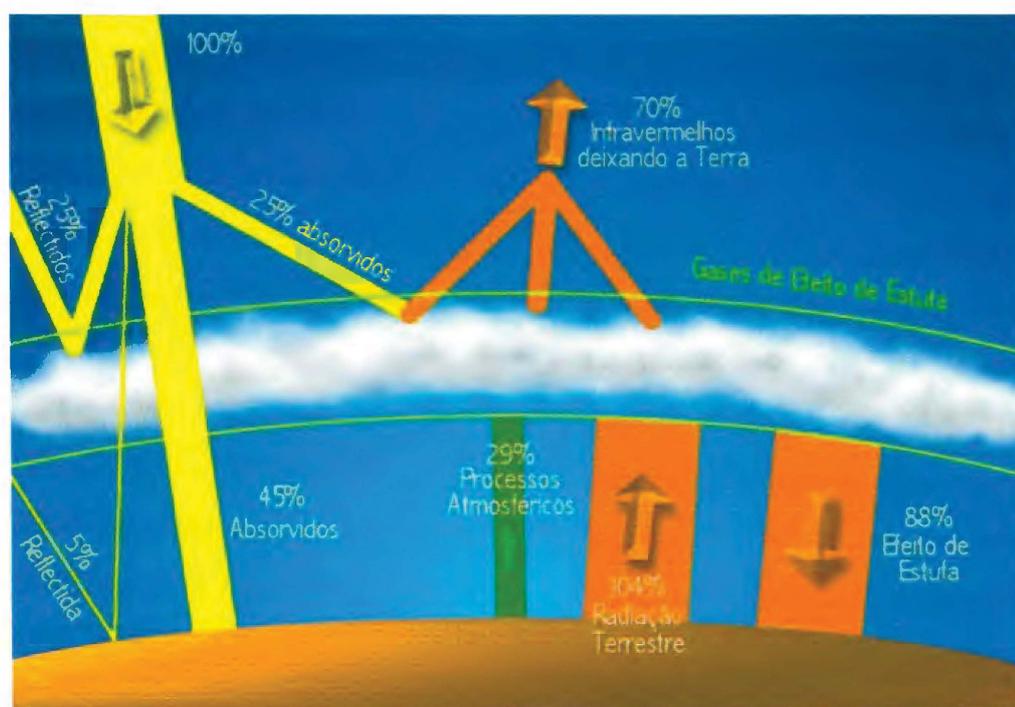


Ilustração de como ocorre o efeito estufa. <http://www.infoescola.com/geografia/gases-do-efeito-estufa/> acessado em 06/09/2011

Com o aumento da concentração de gases como dióxido de carbono (CO₂), monóxido de carbono (CO) e metano (CH₄) – emitidos a partir da queima de

¹⁰ Avila, Ana Maria Heuminski. Uma síntese do quarto relatório do IPCC. Disponível em http://www.multiciencia.unicamp.br/artigos_08/r01_8.pdf, acessado no dia 12/08/2010.

combustíveis fósseis, queimadas, desmatamento, criação de gado, etc. – a concentração de calor aumenta e a temperatura também.

Atualmente não existe um consenso sobre quem é responsável pelos danos causados ao meio ambiente. De um lado estão as grandes empresas, emissoras da maior parte dos gases poluentes e detritos que prejudicam a natureza, e os agricultores que desmatam as florestas e promovem queimadas. De outro, o cidadão comum, que consome água e energia elétrica nas residências, utiliza transporte particular ou público, produz lixo orgânico e inorgânico, consome produtos advindos da agropecuária e da extração de recursos naturais, como madeira, por exemplo, além de outras atividades comuns ao cotidiano e que causam impacto ambiental.

De acordo com Guattari (1991),

As formações políticas e as instâncias executivas parecem totalmente incapazes de apreender essa problemática no conjunto de suas implicações. Apesar de estarem começando a tomar uma consciência parcial dos perigos mais evidentes que ameaçam o meio ambiente natural de nossas sociedades, elas geralmente se contentam em abordar o campo dos danos industriais e, ainda assim, unicamente numa perspectiva tecnocrática, ao passo que só uma articulação ético-política – a que chamo *ecosofia* – entre os três registros ecológicos (o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana) é que poderia esclarecer convenientemente tais questões. (GUATTARI, 1991, p. 8 e 9)

O Brasil hoje é responsável por cerca de 3% a 4% das emissões mundiais de dióxido de carbono (CO₂). Estima-se que 75% do total de CO₂ advêm do desmatamento¹¹. Neste processo, a responsabilidade dos cidadãos comuns não pode ser desconsiderada. Segundo o Inventário Nacional de Emissões de Gases do Efeito Estufa¹², cada habitante brasileiro emite cerca de oito toneladas de CO₂

¹¹ <http://www.mudancasclimaticas.andi.org.br/node/654>, acessado em 17/08/2010

¹² <http://www.mudancasclimaticas.andi.org.br/node/654>, acessado em 17/08/2010

anualmente. Alguns sites na internet¹³ disponibilizam testes em que é possível calcular, com base em alguns hábitos diários, quantas toneladas de CO₂ a pessoa emite por ano e quantas árvores deveriam ser plantadas para zerar tal emissão.

Além das emissões advindas do uso de energia elétrica e combustíveis fósseis, do descarte de lixo – que emitirá grandes quantidades de gás metano (CH₄) –, entre outras fontes, outro problema preocupa: o uso indiscriminado de água. A Terra dispõe de 1,4 bilhão de quilômetro cúbico de água, sendo que apenas 3% é doce. Deste volume, três quartos estão congelados. (LAGO e PÁDUA, 1989, p.75 apud BERNARDES, 2007). A água potável disponível para consumo humano é ameaçada também pela poluição e assoreamento das nascentes e rios. Atualmente, mais de 22 milhões de brasileiros vivem sem acesso à água potável, segundo resultados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios realizada pelo IBGE em 2002.

Além destes problemas, mais diretamente relacionados com a ação cotidiana das pessoas, outros problemas ambientais graves são: o uso inadequado do solo pela agricultura, aplicação de agrotóxicos, desmatamento, pesca e caça indiscriminadas, etc.

Outra questão, mais recente, é o aumento exponencial da chamada população urbana. Em 1950, cerca de 18 milhões de pessoas (36,2% da população) viviam na área urbana, constituída de 1889 municípios. Em 2000, ano em que foi realizado o último censo, eram mais de 135 milhões (81,2%), e o número de municípios havia crescido para 5507.

¹³ http://www.carbononeutro.com.br/03_calcule/calcul.html, acessado em 17/08/2010

A concentração de milhões de pessoas nas cidades e suas regiões periféricas aumenta e complexifica os problemas socioambientais, além de criar uma ampla gama de problemas sociais: violência urbana, insegurança, poluição, sub-habitação e favelas, subempregos e desemprego, problemas graves de trânsito (uso intensivo do carro e transporte público, etc.).

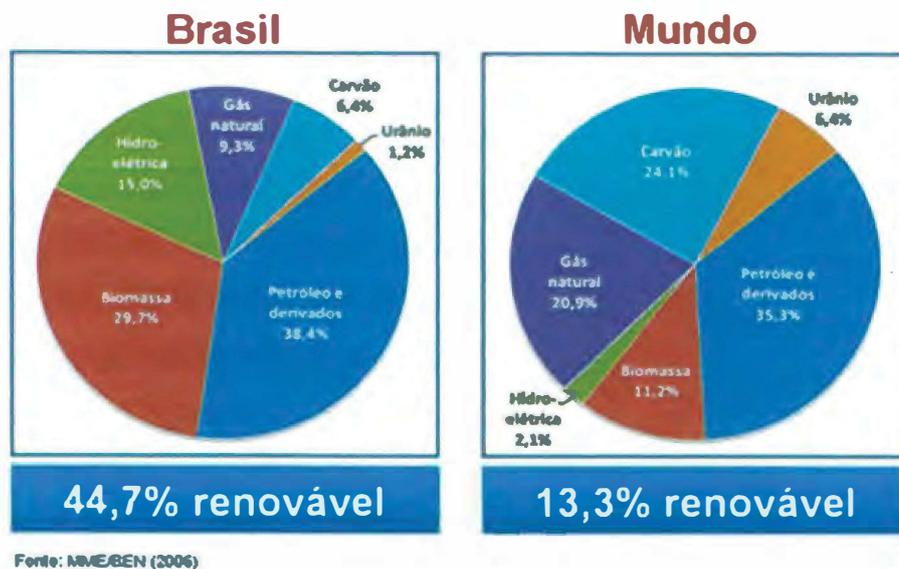
2.2.3 Matriz energética

Um dos grandes problemas atuais é a obtenção de energia limpa. Como já foi citado anteriormente, as principais fontes de energia utilizadas pelas indústrias e pela população de um modo geral – dentre elas destacam-se o carvão e os derivados de petróleo, tais como gasolina, óleo diesel, GLP (gás liquefeito de petróleo), etc. – são geradores de gases poluentes.

A produção de eletricidade pode advir, principalmente, de usinas termelétricas, nucleares ou hidrelétricas. No caso do Brasil, apenas a Usina Binacional de Itaipu é responsável pelo fornecimento de 16,4% da eletricidade consumida pelo país¹⁴. Por isso, o impacto ambiental da energia elétrica produzida no Brasil é menor que em outros países, onde a matriz energética se baseia mais em fontes poluentes. A partir dos gráficos abaixo, é possível ter uma visão comparativa das fontes energéticas no Brasil e no mundo.

¹⁴ <http://www.itaipu.gov.br/energia/geracao>, acessado em 06/09/2011

Matriz energética



Extraído de http://www.fiap.br/faculdades/economia/ciencias_economicas/semana_2007.asp, acessado em 06/09/2011

Ainda assim, o país contribui com a poluição atmosférica e degradação ambiental. Segundo Tolmasquim et al. (2007),

Em comparação com o resto do mundo, o Brasil tem se destacado por apresentar reduzidos índices de emissão de gases em sua produção de energia, o que se deve basicamente à elevada participação de fontes renováveis na oferta energética interna, que em 2005 foi da ordem de 44,5%. No horizonte de longo prazo, fatores como o ritmo de crescimento da economia e a estrutura da expansão do consumo de energia terão papel fundamental no volume das emissões de gás carbônico (CO₂). Mesmo levando-se em conta o aumento da participação de fontes renováveis na matriz energética brasileira, o nível de emissões deverá se ampliar nos próximos 25 anos. Nas condições aqui consideradas, projetam-se emissões de cerca de 970 milhões de toneladas de CO₂ em 2030. (TOLMASQUIM, ET AL, 2007)

Algumas alternativas energéticas nas quais o Brasil se destaca são a energia eólica (muito presente nas regiões com grande incidência de ventos) e a biomassa, recursos renováveis oriundos de matéria orgânica utilizados na geração de energia.

O Brasil também é hoje referência mundial na produção e exportação de etanol (Macedo, 2007, p.157).

2.2.4 Desmatamento

Segundo dados divulgados no site na organização não-governamental Greenpeace¹⁵, 20% da Amazônia já foi destruída pelo desmatamento. O estrago é ainda maior na Mata Atlântica (93%), no cerrado (48%) e na caatinga (45%). Outros biomas também estão ameaçados: 53% dos pampas gaúchos e 15% do pantanal já foram destruídos (atualmente, 713 km² desta região são perdidos todos os anos).

O desmatamento desenfreado tem diversas causas: busca por madeira de alta qualidade, como mogno, e, principalmente, expansão das áreas de agropecuária. Segundo o Greenpeace, há 22 milhões de hectares de terras abandonadas pelos pecuaristas, área que poderia ser recuperada em vez de se desmatar mais a floresta.

Em 1934, foi criado um mecanismo para proteger a flora brasileira: o Código Florestal. Em 2011, algumas alterações foram propostas pelo Congresso Nacional e, segundo ambientalistas, ficou menos eficiente na proteção do meio ambiente. “O texto em discussão no Congresso atualmente abre brechas na legislação aumentar o desmatamento, prejudicando nossas perspectivas futuras de prosperidade”, diz a

¹⁵ <http://www.greenpeace.org/brasil/pt/O-que-fazemos/Amazonia/30-motivos-para-apoiar-o-fim-do-desmatamento-zero-no-Brasil/>, acessado em 09/09/2011

reportagem divulgada no site da ong¹⁶. A seguir, algumas das alterações mais significativas e que geraram maior polêmica entre os especialistas¹⁷.

1. Redução da área de preservação da mata ciliar (em tomo dos leitos dos rios) de 30 metros para 15 metros;
2. Permissão de agropecuária em regiões com altitudes superiores a 1800 metros;
3. Inclusão das Áreas de Preservação Permanente (APPs) no cálculo de área mínima preservada dentro das propriedades (80% na Amazônia Legal, 35% no cerrado e 20% nos demais biomas);
4. Extinção da obrigatoriedade de reflorestamento de áreas desmatadas;
5. Anistia de crimes ambientais cometidos até 2008.

Nesse contexto, o tema meio ambiente veio à tona na mídia e os brasileiros tomaram conhecimento sobre os problemas pelos quais as florestas estão passando.

2.3 Percepção ambiental

Segundo Gomes (2007, p. 1),

A percepção ambiental é, em essência, a visão que cada indivíduo possui ou a percepção de cada indivíduo sobre o ambiente, que o leva, a partir dessa percepção, a interagir (positiva ou negativamente) com o meio a sua volta, influenciando (positiva ou negativamente) as pessoas e o ambiente com o qual reage e interage (direta ou indiretamente), sendo o primeiro passo na direção do processo de conhecimento e do exercício da cidadania ambiental. Portanto, a percepção ambiental de cada indivíduo é produto dos

¹⁶ <http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/O-Codigo-Florestal-e-o-Brasil/>, acessado em 09/09/2011.

¹⁷ <http://eggsociesc.blogspot.com/2011/05/codigo-florestal-como-era-e-como-fica.html>, acessado em 09/09/2011

componentes sensorial (reação dos sentidos diante do meio que nos cerca, possibilitando a definição de "juízos" que sustentam o "raciocínio"), e racional (processo aperfeiçoado de conhecimento que se sustenta na inteligência de cada indivíduo, através de seu banco de dados pessoal), consolidados através da ética, em relação ao meio ambiente (OKAMOTO, 2003). (GOMES, 2007, p.1)

Davidoff (2001, p. 141 apud Boing, 2007) define percepção ambiental como "o processo de organização e interpretação dos dados sensoriais (sensações) para desenvolver a consciência do meio ambiente e de nós mesmos".

De acordo com Forgas (1981, apud Kitzmann e Asmus, 2001), a percepção nos animais inferiores não é influenciada pela experiência. Ao contrário, é uma capacidade determinada geneticamente. Com a evolução, os seres passam a ter sua percepção influenciada pelo conhecimento, desenvolvimento e experiência. "Assim, a **percepção**, âmago da cognição ou aquisição de conhecimento, está profundamente relacionada com a **aprendizagem** e o **pensamento**" (Kitzmann e Asmus, 2001, p.3).

Desta forma, a percepção que um indivíduo tem sobre o meio ambiente em que vive não é estática. Ao contrário, sofre modificações ao longo da vida e depende de diversos fatores, dentre eles a forma como a pessoa está exposta às informações sobre o tema. De acordo com o nível de percepção ambiental (Freire, 1994, apud Kitzmann e Asmus, 2001, p.4) é que o indivíduo define conceitos e ideias sobre o meio ambiente e realiza determinadas ações.

A partir da percepção ambiental são formadas as bases para as atitudes.

A relação que estabelece entre percepção e atitude é a de que "atitude é primeiramente uma postura cultural, uma posição que se toma frente ao mundo. Ela tem mais estabilidade que a percepção e é formada de uma longa sucessão de percepções, isto é, de experiências" (TUAN, 1980, p. 4), sendo, portanto, as atitudes conseqüências observáveis de nossas percepções internalizadas. (BOING, 2007, p.4)

O meio em que o indivíduo, suas relações sociais e os meios de comunicação a que está exposto interferem na maneira como ele percebe o meio ambiente e os problemas inerentes a ele e, conseqüentemente, na maneira como tal indivíduo age.

2.3.1 Sensibilização ambiental

Para resolver ou ao menos minimizar os problemas ambientais expostos, seria necessária uma ação conjunta de governos, empresas e cidadãos. Segundo Guattari (1991),

Não haverá verdadeira resposta à crise ecológica a não ser em escala planetária e com a condição de que se opere uma autêntica revolução política, social e cultural reorientando os objetivos da produção de bens materiais e imateriais. Esta revolução deverá concernir, portanto, não só às relações de forças visíveis em grande escala, mas também aos domínios moleculares de sensibilidade, de inteligência e de desejo. (GUATTARI, 1991, p. 8 e 9)

À população comum cabe adotar pequenos hábitos diários, mas de extrema relevância, tais como: utilizar menos água e energia, separar o lixo reciclável e orgânico, comprar produtos fabricados nas redondezas de onde é vendido (para minimizar os impactos do transporte), trocar o carro por transporte público, etc. A partir da década de 1990, os brasileiros passaram a ser mais conscientes sobre as questões ambientais (CRESPO, 2003, p.62). Segundo a autora, o “fluxo de consciência pública” deve ser relacionado a vários fatores, dentre os quais destaca-se a realização da Conferência Rio-92 no Brasil.

“A superexposição que o tema obteve por aqui antes, durante e após a Conferência, descolou definitivamente, para os brasileiros, a problemática ecológica ou ambiental daquela moldura provinciana que colocava o ambientalismo na caixinha da ‘contracultura’, e rapidamente, tanto entre as elites informadas quanto entre a população (através da mídia), meio ambiente começou a ser relacionado a uma série de eventos dramáticos

que a pauta dos chamados problemas globais fez emergir. (CRESPO, 2003, p.62)

Assim, os jornais passaram a divulgar com mais frequência as previsões sobre o aquecimento global, buraco na camada de ozônio, desmatamento desenfreado, queimadas e outros problemas ambientais. Como consequência da maior exposição da problemática ambiental da mídia, os brasileiros passaram a se preocupar mais com o tema.

As conferências sobre o meio ambiente, dentre as quais a Rio-92 se destaca, são importantes para a sensibilização ambiental da população porque projetam o tema na grande mídia. Ainda segundo Crespo (2003, p.65), 90% dos brasileiros têm como fonte de informação, principalmente sobre questões ambientais, a televisão. Segundo a pesquisa realizada pela autora, porém, a ideia que a maior parte da população forma sobre o meio ambiente a partir da programação televisiva quase sempre é distorcida com relação à realidade. Nas três vezes em que a pesquisa foi realizada, a visão que os brasileiros apresentaram sobre o meio ambiente – independente da classe socioeconômica, nível de escolaridade, sexo e religião – é muito ligada à fauna e à flora. Natureza é, para a maioria das pessoas, algo alheio ao dia-a-dia, fora das cidades, exclusivamente ligado às florestas.

Embora cada vez mais habitem a programação da televisão reportagens sobre desastres ambientais que afetam grandes populações humanas, como foi o caso do derramamento de óleo na Baía de Guanabara pela Petrobras, em janeiro de 2000, e o recente episódio da empresa Cataguazes que deixou sem água várias cidades ao contaminar um importante afluente da bacia do Paraíba do Sul, o imaginário das pessoas é capturado pelos santuários ecológicos, pelos programas do Discovery Channel e do National Geographic” (CRESPO, 2003, p. 67)

Desta forma, a informação que as pessoas obtêm através da televisão pode não contribuir para a efetiva mudança de hábitos em prol da preservação do meio ambiente.

"Neste sentido, ao invés de causar um grande impacto nos hábitos e atitudes coletivos, o ambientalismo característico desse tipo de consciência superficial é difuso, isto é, está presente de forma desarticulada, pulverizada na população e gerando desde iniciativas individuais de pouco impacto (uma escola resolve promover um programa de reciclagem; um condomínio resolve fazer horta comunitária, por exemplo) até atitudes meramente discursivas como a dos jovens que vestem camisas com dizeres e *slogans* 'ecológicos', tais como 'salvem as baleias' ou as tartarugas brasileiras ou a ariranha-azul, considerando que já estão fazendo a sua parte. (CRESPO, 2003, p.68)

Há uma diferença entre identificar os problemas ambientais existentes tanto em nível global como local, saber o que pode e deve ser feito em âmbito pessoal, familiar ou doméstico para minimizar ou colaborar na resolução de tais problemas e efetivamente por em prática o conhecimento obtido através da televisão.

2.4 Jornalismo ambiental

Em 1972 foi realizada a primeira grande conferência para discutir o clima. A Conferência de Estocolmo (Suécia) atraiu os olhares da mídia para um assunto até então pouco comentado. Desde então, o chamado jornalismo ambiental ganhou corpo e hoje está presente em todos os veículos de comunicação.

Ao falar de Jornalismo Ambiental entendemos o conceito como a inserção da visão ambiental - e neste caso da corrente do pensamento sistêmico, como abordagem dos mais variados assuntos, sejam eles da área econômica, social ou governamental, tendo como pano de fundo a possibilidade da sustentabilidade, por exemplo, quando se constrói uma matéria jornalística noticiando ou analisando questões que se colocam na agenda de um país. Isto passa a ser feito também pelo viés ecológico e da sustentabilidade e a imprensa cumpre papel fundamental neste contexto. (GIRARDI et al. 2006, p.9)

Apesar disso, a forma como o meio ambiente é tratado na mídia ainda difere dos outros temas, como política, economia e cultura. Isso se deve, segundo Capra (2001, apud Girardi, Massierer e Schwaab, 2006), ao despreparo dos jornalistas para falar sobre o assunto e à falta de um espaço específico para meio ambiente nos meios de comunicação.

Segundo Capra (1982, p. 400 apud Girardi, Massierer e Schwaab, 2006):

[...] os jornalistas deverão mudar, e seu modo de pensar, fragmentário, deverá tornar-se holístico, desenvolvendo uma nova ética profissional baseada na consciência social e ecológica. Em vez de se concentrar em apresentações sensacionalistas de acontecimentos aberrantes, violentos e destrutivos, repórteres e editores terão de analisar os padrões sociais e culturais complexos que formam o contexto desses acontecimentos, assim como noticiar as atividades pacíficas, construtivas e integrativas que ocorrem em nossa cultura (Capra, 1982, p. 400).

No próximo tópico, será feita uma breve descrição dos principais formatos jornalísticos em que o tema meio ambiente está inserido.

2.4.1 Programação com conteúdos de jornalismo ambiental na televisão

O meio ambiente faz parte da programação de quase todas as emissoras de televisão aberta em diversos formatos.

A inserção mais comum é por meio de matérias nos telejornais, tratando geralmente de temas “quentes”, como desastres ambientais, conferências do clima ou outras novidades acerca do tema. Nesses casos, bastante incomum vermos matérias que tenham por objetivo “ensinar” o telespectador sobre meio ambiente, mas apenas informar de forma superficial sobre os já citados fatos “quentes”.

Outro formato jornalístico em que o tema aparece com frequência são os programas como Globo Repórter, em que um tema – em geral ligado à fauna e à flora – é explorado em reportagens mais longas. Os documentários sobre meio ambiente, apesar de não serem jornalísticos, aproximam-se do formato de programas como o Globo Repórter.

Programas como o Globo Ecologia (Rede Globo) e o Repórter Eco (TV Cultura) tratam de temas ambientais mais próximos à realidade urbana, como tratamento adequado do lixo, uso racional da água, etc. São revistas eletrônicas que trazem reportagens com um duplo caráter, visando a informar e educar o telespectador acerca do tema.

O meio ambiente pode ser alvo de séries de reportagens produzidas esporadicamente e veiculadas em programas de variedades, como é o caso do especial “Vozes do Clima”, exibido na revista eletrônica Fantástico, da Rede Globo¹⁸.

Ainda que de maneira mais superficial e menos frequente, o meio ambiente é inserido em programas de variedade e até mesmo telenovelas.

2.5 Os estudos de recepção

Os estudos acerca da maneira como o público recebe as informações veiculadas nos meios de comunicação de massa fazem parte de uma tríade: a produção da mensagem, a mensagem em si e a sua recepção (SILVA, 1985).

¹⁸ <http://fantastico.globo.com/platb/vozesdoclima/>, acessado em 10/09/2011

A problemática da recepção já fez parte das preocupações de inúmeros teóricos. De acordo com Jacks e Escotesguy (2005), “o estudo dos efeitos foi a questão geradora das primeiras pesquisas de comunicação realizadas ainda na década de 1920, resultado da preocupação com os novos meios que apareciam na cena moderna” (JACKS e ESCOTESGUY, 2005).

De uma maneira geral, os estudos sobre recepção podem ser classificados em teorias de efeitos fortes e fracos, limitados ou ilimitados, de curto ou longo prazo. Também o receptor pode ser visto de duas maneiras distintas, como ativo ou passivo. (JACKS e ESCOTESGUY, 2005).

Esta pesquisa segue a linha de pensamento que considera que a recepção deve levar em consideração muitos fatores além da relação entre mensagem e público, como contexto sócio-econômico, familiar, escolaridade, entre outros.

Segundo Paulino (2001):

A problemática dos Estudos de Recepção está centrada em como se dão as inter-relações emissor/receptor e quais os fatores intervenientes nessa relação, bem como quais as formas de apropriação e resignificação dos sentidos que circulam na pluralidade dos discursos sociais e que constituem o material simbólico tanto de emissores quanto de receptores. (PAULINO, 2001)

Neste sentido, a recepção de programas relacionados ao meio ambiente, no caso dos adolescentes, deve levar em consideração fatores como a influência da família, amigos e professores, classe socioeconômica a que o jovem pertence, entre outros. As primeiras teorias da comunicação foram falhas justamente neste ponto: não levavam em consideração o meio em que o receptor está inserido.

A Teoria da Agulha Hipodérmica, termo cunhado por Harold Lasswell em 1927 após analisar as propagandas transmitidas durante a Primeira Guerra Mundial

(1914 – 1918), foi a primeira delas. Com origem no paradigma behaviorista, o livro *Propaganda Techniques in World War*, escrito por Lasswell, afirma que o conteúdo de tais propagandas chegava ao espectador de forma uniforme e indiferenciada. Acreditava-se, desta forma, que as pessoas eram indivíduos isolados de influências externas, das relações interpessoais, etc.

Não tardou para que esta teoria fosse derrubada. O próprio Laswell lançou, em 1948, a fórmula que mais tarde se tornou célebre: Quem diz o quê, por que canal, para quem e com que efeitos? Já neste momento se verificava uma maior atenção para a análise dos efeitos da mídia sobre os receptores. O primeiro grande trabalho sobre o tema, divulgado em 1933, trazia as impressões que sociólogos, psicólogos e educadores tinham sobre a influência do cinema no conhecimento de outras culturas, na violência e delinquência (MATTELART, 1999). Esta pesquisa levou em consideração elementos que mais tarde se revelariam essenciais, tais como idade, sexo, condições sócio-econômicas, experiências de vida e familiares.

Paul Lazarsfeld publicou, em 1944, um estudo em parceria com dois colegas – Bernard Berelson e Hazel Gaudet –, intitulado *“The People’s Choice”*, no qual analisaram a influência da mídia sobre seiscentos eleitores em Ohio durante a campanha presidencial de 1940. Alguns anos mais tarde, em 1955, Lazarsfeld e Elihu Katz publicaram outro estudo, cuja importância está em possibilitar a emergência de outra teoria de recepção: *the two step-flow* (“comunicação em dois degraus”). Segundo esta teoria, um grupo de pessoas está diretamente exposto à mídia – o que seria o primeiro degrau. Outro grupo é dependente do primeiro para se manter informado. Esse modelo teórico identifica nos líderes de opinião papel importante, pois eles são responsáveis por transmitir as informações aos demais.

2.5.1 Mediações

Na América Latina autores como Jesus Martin-Barbero e Guillermo Orozco se destacam por suas teorias que priorizam as mediações que estão envolvidas no processo de recepção da mensagem.

Barbero defende que “a recepção não é apenas uma etapa do processo de comunicação. É um *lugar novo* de onde devemos repensar os estudos e a pesquisa em comunicação” (BARBERO, 1995). Em “Dos meios às mediações” (1987), criticava o estudo voltado especificamente para as mídias – mediacentrismo.

Por isso, em vez de fazer a pesquisa partir da análise das *lógicas* de produção e recepção, para *depois* procurar suas relações de imbricação ou enfrentamento, propomos partir das *mediações*, isto é, dos lugares dos quais provêm as construções que delimitam e configuram a materialidade social e a expressividade cultural da televisão. À guisa de hipótese, recolhendo e dando forma a uma série de procuras convergentes, embora muitas delas não tenham “objeto” a televisão, propõem-se três lugares de mediação: a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural” (BARBERO, 1987, p.294)

A família seria, para o autor, a “situação primordial de reconhecimento” (BARBERO, 1987, p.295). O tempo do capital, que pode ser medido, e o tempo da cotidianidade, que se repete, se entrecruzam na lógica da televisão. E “os gêneros, que articulam narrativamente as serialidades, constituem uma mediação fundamental entre as lógicas do sistema produtivo e as do sistema de consumo, entre a do formato e a dos modos de ler, dos usos” (BARBERO, 1987, p.301).

Segundo Jacks e Escotesguy (2005):

Metodologicamente, o estudo das mediações implica em superar a delimitação rígida entre disciplinas, além, é claro, da investigação centrada nos meios. Do ponto de vista que interessa aqui, a atenção recai sobre os elementos que dão especificidade ao uso dos meios e de suas mensagens, portanto, no caso do uso social dos meios, sobre o contexto da audiência. A crítica corrente destaca, no entanto, que o avanço das categorias analíticas

não é acompanhado, na mesma proporção, pelas discussões de estratégias e técnicas operacionais” (JACKS e ESCOTESGUY, 2005)

As teorias desenvolvidas por Barbero servirão de guia para outros autores latino-americanos, como Guillermo Orozco. Ele orienta suas reflexões pela pergunta: “como se realiza a interação entre televisão e audiência?”. Segundo Jacks e Escotesguy (2005):

Investigar nesta linha implica assumir que a audiência é composta por sujeitos e considerá-la “em situação”, portanto, condicionada individual e coletivamente. Implica vê-la em constituição por processos variados, e em constante diferenciação. Trata-se de considerar, portanto, a recepção um processo, resultante da interação receptor/televisão/mediações, em que as últimas entram no jogo contínuo do ato de ver TV, mas que ao mesmo tempo o extrapolam. (JACKS e ESCOTESGUY, 2005).

Nesta linha de pensamento, o receptor também realiza mediações individuais, que podem ser cognitivas – informações, valores, crenças, etc. – ou estruturais – idade, sexo, religião, escolaridade, etnia, condições sócio-econômicas, etc. A mediação situacional avalia se o receptor está sozinho ou acompanhado, atento ou disperso, entre outras variáveis. Ainda se deve avaliar as instituições a que o receptor pertence – igreja, escola, partidos, etc. As características da própria televisão são consideradas mediações videotecnológicas. Por fim, a mediação cultural, “onde as demais mediações tomam seu lugar e onde se configuram, pois aí todas as informações se originam, o consumo se efetiva, o sentido é produzido e a identidade se constrói” (JACKS e ESCOTESGUY, 2005). Para Orozco (1991),

La TV en tanto institución social no está sola. Coexiste al lado de otras instituciones como la familia, la escuela, el sindicato, la iglesia, el partido político, los movimientos sociales, etc., con los cuales compite por hacer valer sus significaciones y predominar en la socialización de los televidentes.(OROZCO, 1991)

3 AVALIAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS

Este trabalho contribui entender melhor a relação dos meios de comunicação com a questão ambiental. Com base em inúmeras leituras e pesquisas já publicadas, os problemas socioambientais que a sociedade contemporânea enfrenta, as possíveis soluções para tais problemas e, de maneira específica, se a mídia televisiva tem conseguido sensibilizar um determinado segmento de público — adolescentes de 12 a 15 anos —, com relação às temáticas socioambientais, a ponto do público pesquisado mudar alguns hábitos ou atitudes em seu cotidiano.

Para tanto, foi elaborado um questionário (anexo I) com 12 perguntas — abertas e fechadas — com o objetivo de identificar, junto ao público pesquisado — adolescentes entre 12 e 15 anos que estudam nas escolas Decisivo e Nossa Senhora de Sion, ambas particulares de Curitiba, PR e na Escola Estadual Manoel Ribas, também na capital paranaense — que programas de televisão eles assistem e qual a relação destes com a temática socioambiental. O questionário também busca estabelecer o contexto familiar e escolar em que os adolescentes vivem, qual a abrangência do tema pesquisado no programas de TV que eles assistem e se estes adolescentes têm a percepção de que esta mídia os sensibiliza com relação a hábitos cotidianos que podem contribuir para minimizar os problemas ambientais.

A amostra pesquisada foi de 266 adolescentes, sendo 158 no Decisivo, 64 no Sion e 44 na Escola Estadual Manoel Ribas. Os dados obtidos nos questionários foram quantificados e analisados de acordo com os pressupostos teóricos adotados neste trabalho.

3.1 Colégio Decisivo e Nossa Senhora Sion

Os alunos destas duas escolas são, em sua maioria, pertencentes às classes A e B. Tratam-se de escolas da rede particular de ensino e situadas em bairros nobres da cidade de Curitiba – Cristo Rei e Batel – o que gera uma seleção de alunos entre aqueles cujas famílias possuem boas condições sócio-econômicas. De acordo com a escola, nenhum programa de educação ambiental é ministrado aos alunos, além das aulas normais em que o tema é naturalmente exposto em virtude dos conteúdos programáticos.

A tabela abaixo permite uma melhor visualização da amostra escolhida para a aplicação dos questionários.

Tabela 1: amostragem de alunos de acordo com sexo e faixa etária no Colégio Decisivo. Valores expressos em números absolutos

IDADE	12	13	14	15
Meninos	20	30	24	5
Meninas	23	26	26	4

Tabela 2: amostragem de alunos de acordo com sexo e faixa etária no Colégio Nossa Senhora Sion. Valores expressos em números absolutos

IDADE	12	13	14	15
Meninos	7	7	7	9
Meninas	7	10	7	10

3.2 Escola Estadual Manoel Ribas

Esta instituição merece uma análise mais aprofundada, tendo em vista tratar-se de uma escola situada em uma das regiões curitibanas de maior fragilidade social. A Vila das Torres, comunidade carente onde a escola funciona, está localizada no bairro Prado Velho e é considerada uma das localidades mais violentas da cidade. Os moradores convivem diariamente com a violência, a insegurança e a miséria. A maior parte das pessoas trabalha em subempregos, sem carteira assinada nem qualquer tipo de garantia, como férias remuneradas ou previdência social. É comum que estas pessoas busquem o sustento próprio e da família em atividades como, por exemplo, a coleta de lixo reciclável. Estas pessoas passam o dia percorrendo a cidade com carrinhos pesados e repletos de material que encontram nas ruas e ganham, em troca, pagamentos ínfimos.

As crianças e adolescentes, objetos de estudo deste trabalho, crescem em lares desestruturados. Segundo informações colhidas entre os professores da escola, é comum que os pais cheguem às reuniões da escola com sinais de

embriaguez e uso de drogas ilegais como, por exemplo, cocaína e crack. Muitos deixam de frequentar a escola para seguir a mesma história da família: trabalhar com o lixo ou alguma outra atividade mal remunerada e sem perspectiva de crescimento, esquecendo-se da educação. Este fato é facilmente observado nas salas de aula: poucos alunos matriculados, sendo que as turmas ficam cada vez menores na medida em que se avançam as séries – quanto mais velhos, maior a exigência de trabalhar e ajudar nas despesas de casa.

No que concerne à questão ambiental, observa-se um fato curioso: apesar de não receberem qualquer tipo de educação ambiental em casa (na escola, apenas os mais novos, até a quarta série do ensino fundamental, têm aulas sobre meio ambiente), os jovens possuem alguma noção sobre preservação da natureza. A principal ação em prol do meio ambiente citada por ele é de preservar os rios. Uma explicação possível para isso é o fato do rio Belém – extremamente poluído – passar pela região, levando lixo, enchentes e doenças para a população local.

Pode-se, então, perceber entre as crianças e jovens da Vila das Torres uma consciência ambiental empírica, que se origina a partir de suas vivências pessoais e não por meio da educação.

Na tabela abaixo, está descrita a amostragem de alunos que responderam ao questionário.

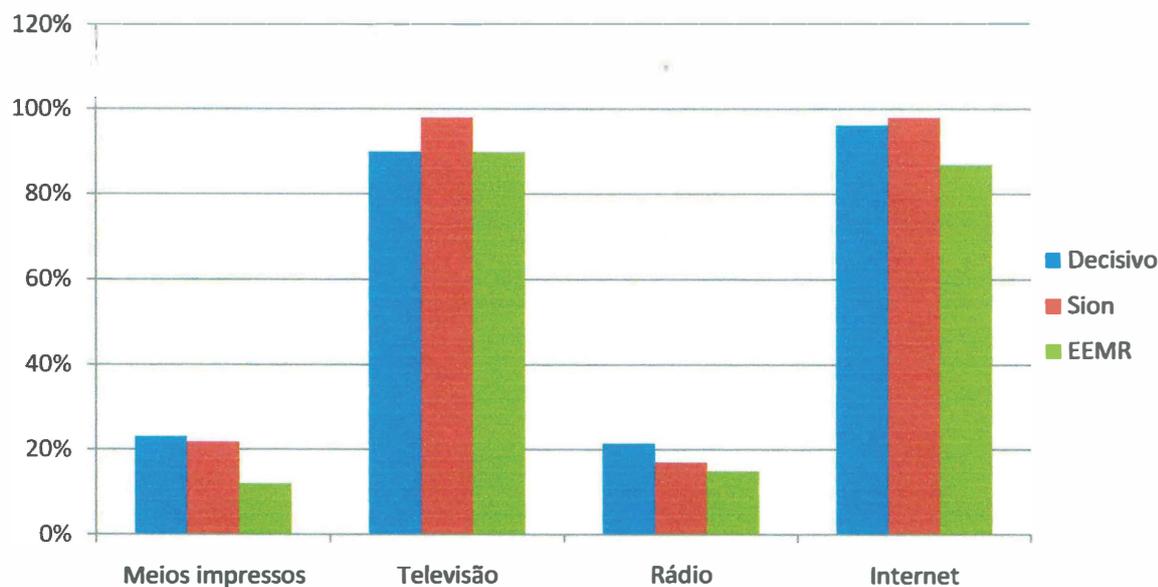
Tabela 3: amostragem de alunos de acordo com sexo e faixa etária na Escola Estadual Manoel Ribas. Valores expressos em números absolutos

IDADE	12	13	14	15
Meninos	9	5	1	4
Meninas	17	3	3	2

3.3 Análise das questões

A primeira pergunta do questionário era “quais meios de comunicação você costuma utilizar?”. O objetivo era mapear o alcance da televisão, rádio, internet e meios impressos entre os adolescentes. Os alunos podiam marcar mais de uma opção, razão pela qual as somas podem ser superiores a 100%. O gráfico abaixo permite uma melhor visualização dos resultados.

Figura 1: meios de comunicação utilizados pelos alunos das três escolas. Valores expressos em porcentagem



Os resultados confirmam uma tendência entre os mais jovens: predominam os meios eletrônicos em detrimento dos impressos. Cerca de 90% do total de alunos declararam que assistem à televisão com frequência. O número de usuários da internet é ainda maior: 95,4%. Em contrapartida, menos de 20% ouvem rádio e leem jornais ou revistas impressos.

Percebemos que esta tendência se confirma em todas as escolas, mesmo entre os alunos de baixa renda, caso da EEMR. A televisão está presente em praticamente todos os lares brasileiros (conforme já citado anteriormente, 94% das residências brasileiras possuem pelo menos um aparelho de televisão). A internet chega até ele por meio da própria escola, que dispõe de computadores, e pelas chamadas *lan houses*, que viabiliza o acesso à internet de forma relativamente barata. Assim, vemos que é na internet e na televisão que se deve focar o trabalho de educação ambiental destinada aos jovens.

Mas esta primeira pergunta não pedia para o aluno especificar o conteúdo consumido em cada um destes meios. Para melhor identificar a programação televisiva a que o público em questão tem acesso, a segunda pergunta era: quais programas você assiste na TV? Esta questão já enfoca na televisão por ser este o objetivo do trabalho. Com esta questão, foi possível perceber que a maioria dos alunos utiliza a TV para assistir a filmes (87,3%), seguido de telenovelas (44,3%), jornais (35,7%), desenhos animados (34,8%) e programas educativos (11,7%). Na opção “outros”, os alunos da rede particular citaram, em sua maioria, programas como “Pânico na TV”, seriados norte-americanos – como, por exemplo, *Friends*, *CSI*, etc., e programas humorísticos. Entre os jovens mais carentes, não foram citados programas de canais pagos, sendo que as telenovelas da rede Globo e rede Record foram as mais citadas. Apenas 30 alunos citaram os programas de conteúdo educativo.

Esta tendência é confirmada pela pergunta seguinte: você assiste a programas ou reportagens televisivos relacionados ao meio ambiente? Apenas 40% do total de alunos responderam que sim a esta questão. Os dados detalhados estão na tabela abaixo.

Tabela 2: tabela demonstrativa dos resultados da terceira pergunta do questionário (você assiste a reportagens ou programas televisivos relacionados ao meio ambiente?)

Perguna 3	Decisivo	Sion	EEMR
SIM			
Masculino	30,38%	43,33%	42,1%
Feminino	35,44%	29,41%	44%

NÃO			
Masculino	69,62%	56,67%	57,9%
Feminino	64,56%	70,59%	56%

Mesmo entre os alunos que responderam “sim”, muitos escreveram ao lado que isto ocorre “às vezes”, enfatizando que não se dedicam com frequência ao programas educativos.

A estes alunos que responderam afirmativamente foi feita também outra pergunta, para saber quais programas ou mensagens foram mais significativas. Os programas mais citados foram National Geographic, Discovery Channel, Fantástico, Globo Rural e Globo Comunidade. Nestes, os alunos obtiveram informações principalmente sobre aquecimento global, desmatamento, poluição, escassez de água, espécies em extinção, reciclagem e reutilização de materiais, separação do lixo orgânico e reciclável, etc.

Tendência diferente é observada entre os alunos da rede estadual. Os programas de canais fechados, como National Geographic não foram nem ao menos citados. Aqueles que disseram ter recebido informações sobre o meio ambiente por meio da televisão apontaram o Jornal Nacional, da rede Globo, como principal fonte. As ações depredatórias mais citadas foram jogar lixo no chão e nos rios, o desmatamento, o desperdício de água e a poluição causada pelos veículos. Além disso, ações positivas como separar o lixo reciclável e orgânico e preservar a fauna e a flora também foram citadas.

As três questões seguintes visavam a identificar o papel da família, dos amigos e da escola na formação do conhecimento ambiental. A quinta pergunta – você conversa sobre meio ambiente com a sua família? – teve “sim” como resposta majoritária nas duas escolas particulares, mas os valores se inverteram na terceira instituição. Isto se deve ao fato, já citado, de estes alunos viverem em situação de desestruturação familiar. Falar sobre meio ambiente de forma educativa é mais raro neste contexto, pois os próprios pais, agentes educadores, não exercem de forma adequada este papel.

Tabela 3: tabela demonstrativa dos resultados da quinta pergunta do questionário (você fala sobre meio ambiente em casa, com sua família?)

Pergunta 5	Decisivo	Sion	EEMR
SIM			
Masculino	56,96%	63,33%	47,3%
Feminino	64,56%	47,06%	40%
NÃO			
Masculino	43,04%	36,67%	52,7%
Feminino	35,44%	52,94%	60%

Entre os colegas, o assunto nem sempre é tratado. A escola em que o tema é citado com mais frequência entre os amigos é a Manoel Ribas, em virtude de, conforme já citado, estes alunos travarem maior contato direto com os problemas ambientais e isso se refletir nas conversas cotidianas.

Tabela 4: tabela demonstrativa dos resultados da sexta pergunta do questionário (você fala sobre meio ambiente com os colegas?)

Pergunta 6	Decisivo	Sion	EEMR
SIM			
Masculino	22,78%	36,67%	36,8%
Feminino	25,32%	14,71%	48%
NÃO			
Masculino	77,22%	63,33%	63,2%
Feminino	74,68%	85,29%	52%

Em sala de aula, apesar de nenhum programa de educação ambiental ser ministrado oficialmente pelas escolas, percebe-se que os alunos se lembram de ter tido aulas sobre o tema. Em conversa informal com os professores das três instituições, foi possível perceber que cada um deles se importa, independentemente da política educacional da escola, com o tema. Desta forma, eles procuram inserir em suas aulas normais conteúdos que digam respeito ao tema.

Tabela 5: tabela demonstrativa dos resultados da sétima pergunta do questionário (o tema meio ambiente é discutido em sala de aula, com os professores?)

Pergunta 7	Decisivo	Sion	EEMR
SIM			
Masculino	64,56%	66,67%	68,4%

Feminino	65,82%	61,76%	24%
NÃO			
Masculino	35,44%	33,33%	31,6%
Feminino	34,18%	38,24%	76%

Seguindo a linha de pensamento de Barbero e Orozco, em que as mediações são importantes para entender a maneira como as informações chegam até o receptor, a pergunta seguinte tinha por objetivo investigar as mediações situacionais a que o aluno está sujeito. Foram questionados se assistem à TV sozinhos ou acompanhados de outras pessoas da família. No total, 63,9% dos alunos disseram que, geralmente, estão sozinhos quando diante da TV. Principalmente durante o dia, quando a família está fora de casa, estes jovens estão expostos aos conteúdos televisivos sem que um adulto os ajude a estabelecer uma correta análise sobre o que está sendo transmitido. Assim, ainda que a influência da família não possa ser subestimada, pode-se dizer que a maior parte do conteúdo não é filtrado pelas mediações familiares e depende exclusivamente do aluno para ser interpretado. A tabela abaixo mostra todos os valores detalhados.

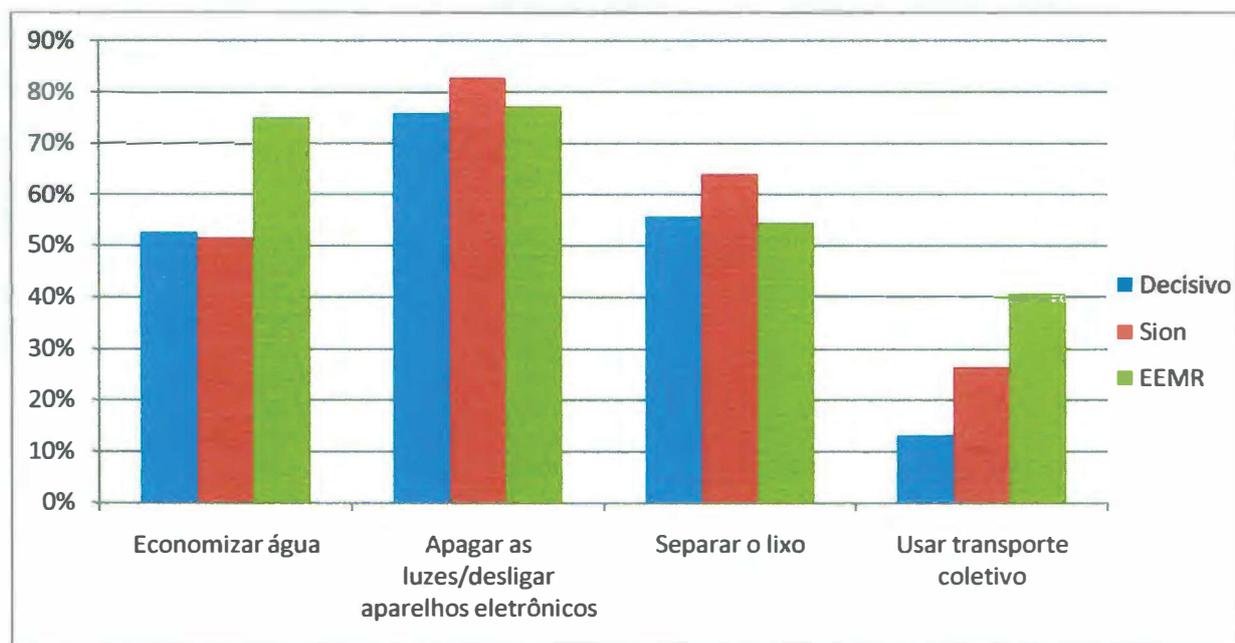
Tabela 6: tabela demonstrativa dos resultados da oitava pergunta do questionário (em casa, com quem você assiste à televisão?)

Pergunta 8	Decisivo	Sion	EEMR
Sozinho			
Masculino	72,15%	70,00%	47,3%

Feminino	67,09%	58,82%	36%
Família			
Masculino	27,85%	30,00%	52,6%
Feminino	35,44%	41,18%	64%

Focando mais nos hábitos e atitudes em prol do meio ambiente, a questão seguinte – quais atitudes você adota no seu dia-a-dia para cuidar do meio ambiente? – tinha quatro opções (todas poderiam ser assinaladas) e espaço para escrever outros hábitos que não estivessem contemplados das alternativas. O gráfico abaixo mostra quais hábitos são mais comuns entre os alunos analisados.

Figura 2: Hábitos ambientalmente corretos adotados pelos alunos. Valores expressos em porcentagem



Alguns alunos citaram outros hábitos, como andar a pé, de bicicleta e economizar papel.

Em seguida foi feita o seguinte questionamento: você já adotou algum destes hábitos após assistir a um programa de televisão? Menos da metade dos alunos (42,5%) disseram que sim. Esta pergunta não é exatamente fiel à realidade pelo fato de os alunos nem sempre relacionarem um hábito à televisão de forma consciente. Muitas vezes, a programação televisiva foi importante, em maior ou menor grau, mas isto não foi registrado.

Tabela 7: tabela demonstrativa dos resultados da décima pergunta do questionário (você já adotou algum destes hábitos após assistir a um programa de televisão?)

Pergunta 10	Decisivo	Sion	EEMR
SIM			
Masculino	41,77	36,67	36,8%
Feminino	51,90	26,47	48%
NÃO			
Masculino	58,23	63,33	63,1%
Feminino	48,10	73,53	52%

Dentre esses que responderam afirmativamente, os programas mais citados (pergunta 12) foram telejornais, Globo Repórter, Discovery Channel, Globo Ecologia, e programas educativos de modo geral.

Por fim, a última questão – aberta – buscava identificar a quem pertence o papel de ensinar às crianças e adolescentes sobre os hábitos ambientalmente corretos. Apesar de ser uma pergunta aberta, foi possível estabelecer três grandes agentes formadores de opinião: a família (em especial os pais e mais especificamente a mãe), a escola e a televisão. Segundo 72,85% dos alunos, foram os familiares que ensinaram como agir para proteger o meio ambiente; 28% aprenderam sobre o tema na escola e apenas 14% obtiveram tais informações pela televisão.

Em ambas as escolas os pais foram os agentes mais citados como formadores de hábitos ambientalmente corretos. Na categoria “outros” estão os fatores menos citados, como revistas, amigos e até mesmo grupo de escoteiros.

As questões de número dois, quatro e onze não foram tabuladas porque tinham por objetivo apenas fornecer um mapeamento superficial sobre a programação televisiva consumida pelos jovens e os temas ambientais de que eles se lembram de ter assistido na TV.

3.4 Análise dos resultados

Silva (1885, p.21) disse que a influência da Indústria Cultural já superou a Igreja, a escola e a família. A última questão feita aos alunos nos demonstra exatamente o contrário. Apenas uma pequena parcela dos adolescentes – menos de 20%, tanto meninos e meninas em ambas as escolas – declararam que a mídia televisiva foi um agente formador de conhecimento ambiental, sendo que a família vem em primeiro lugar.

Esta informação é corroborada pela questão de número cinco, em que a maioria dos alunos afirmaram que o tema “meio ambiente” faz parte das conversas cotidianas em casa. Também a escola é um importante meio de informação sobre meio ambiente e hábitos ambientalmente corretos.

Mas, se a televisão é, de acordo com muitos autores e estatísticas¹⁹, um dos principais meios de comunicação utilizados pelos brasileiros – informação esta

¹⁹ Alguns já citados neste trabalho, como, por exemplo, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) de 2007, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

confirmada neste trabalho, conforme já citado anteriormente (ver gráfico 1) – por que poucos alunos atrelaram as informações que possuem sobre meio ambiente e os hábitos ambientalmente corretos que adotam à televisão?

A resposta para esta pergunta não nos é dada de forma clara nos questionários. O pouco acesso às escolas não permitiu que fosse realizada uma pesquisa qualitativa com os alunos, o que nos levaria ao aprofundamento das questões. Ainda assim, é possível fazer algumas aproximações.

Como já foi dito neste trabalho, a programação televisiva de cunho ambiental não foca o adolescente como público-alvo. Na rede Globo, por exemplo, maior emissora nacional na rede aberta, os programas que contêm conteúdo ambiental são exibidos em horários extremos – pela manhã e à noite – além de não serem produzidos em linguagem adequada aos jovens.

Ainda que não fizesse parte dos questionários, foi possível colher algumas informações com os alunos sobre a informação trazida pelos meios de comunicação em massa. O maior defeito apontado pelos jovens é que os programas educativos são maçantes, chatos e pouco atrativos. Além disso, não falam a linguagem dos adolescentes (passa as informações de forma técnica, pouco lúdica). Outro ponto citado é que a repetição excessiva de determinados fatos ligados ao meio ambiente (principalmente previsões catastróficas) são maneiras de assustar as pessoas e ganhar audiência. Desta forma, eles afirmaram não acreditar em tudo que a televisão transmite.

Estas deficiências na produção de programas informativos – sobre meio ambiente ou não – já foi detectada por outros autores. Um estudo realizado pelo Grupo de Pesquisa Educação e Mídia da Pontifícia Universidade Católica (PUC-Rio)

concluiu que “[...] a percepção que elas [as crianças] têm do mundo, através do que é veiculado pelos telejornais, é quase sempre de um lugar onde é impossível viver” (MIGLIORA et al., p.162 apud Schneider, 2009, p. 7). Além disso, crianças e adolescentes acham que o conteúdo veiculado em jornais é chato e voltado para adultos. Este é um dos motivos pelos quais os filmes e telenovelas são os programas mais citados pelos alunos: eles buscam entretenimento na TV.

Outra informação aferida nos questionários – ainda que de forma bem superficial – é a percepção que os alunos têm sobre o meio ambiente. Grande parte dos que responderam à questão quatro, que pedia para eles citarem os programas relacionados ao meio ambiente, relacionaram Discovery Channel, National Geographic e Animal Planet. Conforme já citado, Crespo (2003) diz que “o imaginário das pessoas é capturado pelos santuários ecológicos, pelos programas do Discovery Channel e do National Geographic” (CRESPPO, 2003, p. 67). Assim, pode-se dizer que as informações chegam até o telespectador, mas com pequeno potencial para de fato conscientizar a ponto de as pessoas mudarem seus hábitos cotidianos em prol do meio ambiente.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi motivado pela necessidade de entender como o jornalismo, em especial o televisivo, pode exercer uma função pedagógica. Não apenas levar informações às pessoas, mas criar mecanismos para que cada cidadão mude pequenas atitudes em seu dia-a-dia para a melhora da qualidade de vida no planeta.

Segundo Pavaneli e Neiva (2008),

Não se pode negar, mesmo que alguns jornalistas discordem desse papel, que a televisão, a Internet e mesmo o rádio são os canais mais buscados quando a população quer conhecer mais sobre um determinado assunto. Tais meios ditam as regras e determinam tendências, influenciando enormemente o comportamento e o modo de vida da sociedade, principalmente daqueles que vivem no ambiente urbano.(PAVANELI e NEIVA, 2008, p.97)

No início do trabalho, a televisão foi o meio de comunicação escolhido por se tratar de uma fonte de informação abrangente (quase todas as pessoas têm acesso a ela frequentemente). Entretanto, os resultados da pesquisa nos mostraram que a internet é hoje o meio de obtenção de informações mais utilizado pelos jovens. Ainda assim, não se pode desprezar a influência que a televisão exerce sobre este público.

O que se pode perceber claramente no decorrer do trabalho, entretanto, é a importância bastante grande da família e da escola na formação do conhecimento das crianças e adolescentes no tocante ao meio ambiente. A partir dos questionários, viu-se que os pais, avós e professores são os agentes formadores de opinião mais presentes na vida dos jovens. Estas informações foram confirmadas por meio de algumas conversas com os alunos – ainda que não tenha sido realizado

um grupo focal, estas conversas geraram um panorama de como o público pensa a respeito do assunto – em que eles afirmaram que muitos dos hábitos ambientalmente corretos que adotam no dia-a-dia são impostos pelos pais.

Mas, se a televisão está presente na vida de todos os alunos pesquisados, por que ela não tem grande potencial de alterar o comportamento? Esta questão está relacionada com o tipo de programação consumido pelos jovens.

Segundo uma pesquisa realizada por alunos e professores do departamento de educação da UnB²⁰ (Universidade de Brasília), a maior parte das crianças e adolescentes preferem filmes, desenhos animados e telenovelas (totalizado 38%), comédia, esportes e música (mais 15% da preferência).

Mesmo entre aqueles que assistem a telejornais ou outros programas que tratam do meio ambiente, a linguagem e a forma como tais questões são tratadas não são atraentes aos olhos jovens. Para eles, como já foi citado, a programação é chata, maçante. Além disso, a repetição excessiva de previsões catastróficas para o futuro do planeta são assustadoras mas não suficientes para que hábitos arraigados, como o de tomar banhos longos, sejam alterados.

De acordo com os dados aferidos nos questionários, em torno de 40% da amostra declarou que a televisão foi fundamental para a adoção dos hábitos. Estes resultados servem de parâmetro para futuras pesquisas na área, porém não podem ser lidos sem algum filtro.

Ainda que quase metade dos 266 alunos tenha atrelado seus hábitos à televisão – número que não pode ser desconsiderado – estas crianças e

²⁰ http://www.educamidia.unb.br/03-noar/entrevista_vania_unb.htm, acessado em 25/10/2011

adolescentes ainda não possuem total discernimento sobre como seu conhecimento de mundo é formado. Para muitas delas, meio ambiente ainda está estreitamente ligado às florestas, sem considerar o ambiente urbano.

Apesar das ressalvas necessárias, pode-se perceber por meio do gráfico 2 (p.49) que algumas atitudes estão sendo tomadas pelos jovens para melhorar a qualidade do meio ambiente. Interessante perceber que os hábitos mais comuns são aqueles que, em grande medida, são adotados pelos pais, como desligar aparelhos eletrônicos na tomada – no chamado modo *stand-by*, os aparelhos podem consumir até mais energia elétrica que quando ligados – e separar os lixos reciclável e orgânico. Mais uma evidência de que a família é fundamental neste processo de aprendizagem (é possível que os pais sejam influenciados pela mídia e passem estas informações aos filhos, mas isto não pode ser afirmado pela presente pesquisa, uma vez que este grupo não foi contemplado na aplicação de questionários).

Ainda assim, não se deve descartar completamente a atuação da mídia como formadora de conhecimento ambiental. O que se vê entre o público pesquisado é uma consciência pouco apurada sobre a fonte de formação de hábitos ambientalmente corretos, embora uma parcela significativa tenha atrelado seu comportamento aos meios de comunicação. Para que este quadro de alienação mude, é preciso que a mídia mude. Deixar de lado esta postura apocalíptica quando tratar de meio ambiente é uma das mudanças necessárias. De nada adianta dizer que o clima está mudando e que as futuras gerações estão comprometidas. Isso assusta e gera resultados pouco efetivos. O que se espera de uma mídia eficiente é que fale com o público de forma clara, expondo o problema, mas mostrando caminhos e soluções. Além disso, tendo em vista as diferenças entre crianças,

adolescentes, adultos e idosos, a linguagem utilizada deve ser também distinta. Para falar sobre meio com jovens, exige-se menos formalidade e mais interação. Fazer um programa atrativo e ao mesmo tempo com conteúdo educativo é o primeiro passo para cativar este público.

O que esta pesquisa mostrou é que a mídia pode ser um poderoso instrumento de conscientização ambiental. Deve, porém, ser melhor explorado para que tenhamos uma geração mais consciente e ativa na preservação do meio ambiente.

REFERÊNCIAS

BUENO, Wilson da Costa. *As Síndromes do Jornalismo Ambiental Brasileiro*. 2008. In: MELO, José Marques. **Mídia, Ecologia e Sociedade**. Coleção Intercom de Comunicação, nº22. São Paulo, Intercom, 2008.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. 2. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. 530p. (A Era da Informação: economia, sociedade e cultura, 2).

CAPRA, F. Alfabetização ecológica: o desafio para a educação do século XXI. In: TRIGUEIRO, André (ORG.) **Meio ambiente no século XXI**. RJ: Sextante, 2003.

CRESPO, Samyra. Uma visão sobre a evolução da consciência ambiental no Brasil nos anos 1990. In: TRIGUEIRO, André (Coord.). **Meio ambiente no século 21**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003

DAVIDOFF, Linda L. *Introdução à psicologia*. 3ª ed. São Paulo: Makron Books, 2001. In: BOING, Larissa. **A PERCEPÇÃO AMBIENTAL COMO SUBSÍDIO PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL: ESTUDO DE CASO DO CAMINHO DO ITUPAVA – PARANÁ,**

ECA-USP, São Paulo, 2002. In: VITULSKIS, Juliana. *Estudo de caso: projeto Ecofalantes da Ilha do Mel*. Trabalho de Conclusão de Curso. Curitiba, 2009. Esta referência está errada.

FERREIRA, Arnaldo Telles. **Interfaces entre Comunicação, Educação e Meio Ambiente**, 2009. Editora, cidade?

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

GIRARDI, MASSIERER e SCHWAAB. Pensando o jornalismo ambiental na ótica da sensibilidade. Unirevista, Vol. 1, n. 3, Rio Grande do Sul, 2006.

GOMES, Ana Paula Wendling . Percepção Ambiental dos Alunos da Faculdade de Viçosa FDV. In: Semana Acadêmica FDV 2007, 2007, Viçosa. Meio Ambiente: Gestão, Educação e Inovação Tecnológica. Viçosa : FDV, 2007. v. 1. p. 1-6.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Campinas: Papirus, 1990.

JACKS, Nilda e ESCOTESGUY, Ana Carolina. **Comunicação e Recepção**. São Paulo, Hacker Editores, 2005.

KAPLÚN, Mario. Processos educativos e canais de comunicação. In: **Revista Comunicação & Educação** (14), São Paulo, Ed. Moderna, 1999.

KITZMANN, Dione Iara Silveira; ASMUS, Milton. Avaliação da percepção ambiental: Estudo de caso com trabalhadores portuários. *Revista de Educação Ambiental da Furg*, Rio Grande, RS, v. 5-6, p. 69-80, 2001.

LIMA, Grácia Maria Lopes de. Educomunicação, Psicopedagogia e prática radiofônica. Estudo de caso do programa “Cala Boca Já Morreu”. Mestrado,

LÜCKMAN, Ana Paula. Educação, jornalismo e meio ambiente: leituras sobre a crise ecológica no contexto do aquecimento global, 2006. In: *Jornalismo e meio ambiente* - Ano III nº 02, pós-graduação em jornalismo UFSC. Corrigir referência.

LOPES, Maria Immacolatta Vassallo de. **Pesquisa em Comunicação**. São Paulo, Edições Loyola, 2005.

MACEDO, Isaias C. Situação Atual e perspectivas do etanol. Campinas, São Paulo, 2007.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: SOUZA, Mauro Wilton de (org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: Comunicação, cultura e hegemonia**. 1987 Editora, cidade?

MATTELART, Armand e Michèle. **Histórias das teorias da comunicação**. São Paulo, Ed. Loyola, 1999.

NOSTY, Bernardo Diaz. O meio [ambiente] é a mensagem. Estratégias de comunicação para uma inovação sustentável, 2008. In: MELO, José Marques. **Mídia, Ecologia e Sociedade**. Coleção Intercom de Comunicação, nº22. São Paulo, Intercom, 2008.

OROZCO, Guillermo Gómez. La audiencia frente a la pantalla: una exploración del proceso de recepción televisiva. **Revista Iberoamericana de Edición, Madrid**, n. 27, p. 155 – 175, setembro – dezembro 2001.

PAULINO, Roseli Figaro. **Comunicação e Trabalho: estudos de recepção: o mundo do trabalho como mediação da comunicação**. São Paulo, A. Garibaldi, 2001.

SALLA, Ana Luiza F., ET alii. **Jovens de Curitiba: esperanças e desencantos, juventude, violências e cidadania**. UNESCO, Instituto Ayrton Senna, Governo do Paraná/Secretaria de Educação, 1999.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **Muito Além do Jardim Botânico**. São Paulo, Summus, 1985.

SOUZA, Jorge Pedro. A teoria do agendamento e as responsabilidades do jornalista ambiental: uma perspectiva ibérica, 2008. In: MELO, José Marques. **Mídia, Ecologia e Sociedade**. Coleção Intercom de Comunicação, nº22. São Paulo, Intercom, 2008.

TAVAREZ JUNIOR, Renato. Educomunicação e expressão comunicativa: a produção radiofônica de crianças e jovens do projeto educom.rádio. Completar a referência

TOLMASQUIM, Mauricio T., GUERREIRO, Amilcar e GORINI, Ricardo. Matriz energética brasileira: uma prospectiva. São Paulo, 2007, http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-33002007000300003&script=sci_arttext, acessado em 06/09/2011.

SCHNEIDER, Thais Cristina. Jornal Antenados! Projeto experimental de telejornalismo e educomunicação para o público infantil. Monografia, 2009.

VERNIER, Jaques. O meio ambiente. Campinas: Papirus, 1994

ANEXO I

Idade: _____

M ()

F ()

1. Quais meios de comunicação você costuma utilizar? (Pode marcar mais de uma resposta)
 - () Jornais ou revistas impressas
 - () Televisão
 - () Rádio
 - () Internet
 - () Outros. Quais? _____

2. Quais programas você assiste na TV? (Pode marcar mais de uma resposta)
 - () Jornais. Quais? _____
 - () Novelas. Quais? _____
 - () Desenhos animados
 - () Filmes
 - () Programas educativos.
 - Quais? _____

3. Você assiste a reportagens ou programas televisivos relacionados ao meio ambiente?
 - () Sim
 - () Não

4. Se sim, quais?

5. Você fala sobre meio ambiente em casa, com sua família?
 - () Sim
 - () Não

6. E com os colegas?
 - () Sim
 - () Não

7. O tema 'meio ambiente' é discutido em sala de aula, com os professores?

Sim

Não

8. Em casa, com que você assiste à televisão com mais frequência?

Com sua família (pais, irmãos, avós)

Sozinho

9. Geralmente, onde você assiste à televisão?

Em casa, na sala

Em casa, no seu quarto

Na escola, com o professor

10. Quais atitudes você adota do no seu dia-a-dia para cuidar do meio ambiente?

Economizar água no banho, ao escovar os dentes, etc.

Apagar as luzes e desligar aparelhos eletrônicos quando estiverem sem uso.

Separar o lixo reciclável.

Usar mais transporte coletivo e menos carro.

Outros. Quais?

11. Você já adotou algum destes hábitos após assistir a um programa de televisão?

Sim

Não

12. Se sim, quais programas foram mais importantes para modificar tais hábitos?
